



Epifanias em PALEVAS

Organizadores
Ana Angélica Ferrazzi
Lenilson Silva





Epifanias em palavras

1^a edição

**Ourinhos – SP
2020
Edições & Publicações**

Epifanias em palavras

1^a Edição

Revisão e diagramação e capa: Lenilson Silva

Coordenação geral: Ana Angélica Ferrazzi

ISBN: 978-65-86615-15-9.

CIP – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

FERRAZI, Ana Angélica. SILVA, Lenilson

Epifanias em palavras - 1^a ed. Ourinhos: Edições & Publicações 2020.

Pgs.: 108 . 14 x 21 cm (broch.)

ISBN: 978-65-86615-15-9.

1. Poesia. 2. Título.

CDD. B869.8

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia. 2. Título.

Prezado leitor,

Sinta-se à vontade para folhear cada página, presentear, lê-lo e fazer com que cada texto perpassasse limpidamente pelo seu dia a dia, dê o crédito em respeito aos direitos autorais.

Faça referência aos autores quando usar em quaisquer meios de comunicação. Isso é ter consciência que a essência deste trabalho foi respeitada e que prezem para o dom de quem preenche a sua alma.



Reescrita

Sinto necessidade de me reescrever...
A pausa e o silencio,
jamais irão me preencher.

Sem escrever,
sou assim, sem vida;
Um rio que não flui!
Me torno tão nociva,
quanto a água-viva.

A esfera do medo me consome,
e acabo por ser, um em um milhão...
Mais uma pessoa perdida
sem freio, sem rumo,
sem saída.

A escrita preenche todos os meus espaços;
Sou dependente desse laço imaginário,
que expande todos os meus passos!

Ana Angélica Ferrazzi





ANA ANGÉLICA FERRAZI

Mora na cidade de Ourinhos/SP. Cursou Letras/Literatura na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), tendo concluído a Pós-graduação na mesma instituição, especializando-se em Estudos Linguísticos e Literários.





Ah, moça!

Ahhh moça! Se tu soubesses
O quão linda tu ficas com violão na mão
Ahhh moça! Se tu soubesses
Que mesmo envolvida pela timidez
Você canta e encanta
Ahhh moça! Se tu soubesses
Como esquecer? quando em uma noite dessas, só eu e você!!
Ahhh moça! Como esquecer?
Que mesmo sem saber, enquanto tocavas seu violão
A melodia embalava meu tão sofrido coração...

Amanda Alves





Ela é Poeta!

Essa moça que atenta observa,
Intensa como as ondas do mar
Ela tem cara de poeta!
Sensível e ao mesmo tempo voraz
Atenta te observa
Sua alma é de poeta!
Seus olhos brilham como raio solar
Seu sorriso então, capaz de dominar
Ela tem jeito de Poeta!
Não se atreva a desafiar, essa moça que observa
Pois meu caro, ela é Poeta!
E o poeta através da euforia, cria uma linda Poesia
Talvez de amor, talvez de dor...
Cuidado! Ela é Poeta...

Amanda Alves



AMANDA ALVES



É contista, poeta e cronista. Nasceu em maio de 1998 na cidade de Ipatinga. Atualmente reside em São Domingos das Dores, uma pacata cidade do interior de Minas. A autora formou-se em Letras-Português/Inglês pelo Centro Universitário de Caratinga, onde consolidou uma enorme paixão pela literatura. A autora participa de algumas antologias como “Ainda escrevo poesias”, e “Alameda Nix”





A morte companheira

Eita mundão árido do meu sertão,
Eis que a seca castigante
Veio te assolar novamente...

E também a miséria
E a fome sempre presente...
Oh, é a nossa sina nordestina!

Parece ser nosso único destino
Sentir na pele estorricada
Pelo sol do agreste, da caatinga,

A angústia e a dor sem fim
Causada pela terrível trinca:
Seca, miséria e fome! Mas como e sempre,

Essa velha desgraça
Nunca vem solitária, pois tem a morte
Sua fiel companheira!

Américo Moraes





Paixão, sonhos e amoras

Hoje, sob um pé de amoras,
Senti e sonhei a intensa paixão
Que, por vós,
Em meu peito demora!

Nesse meu peito dorido,
Premido pela paixão por vós,
-e sempre por vós -,
Vou sendo premido, consumido...

Assim, sozinho e triste,
Vou te amando...
E te amando,
Vou sentindo a dor
Que, em meu peito, vai me matando!

Américo Moraes





AMÉRICO MORAES

Nasci em Goianésia-GO, e cresci entre duas cidades: Vila Propício e Pirenópolis. Aos 12 anos me transferi com meus pais e irmãos para Porto Velho-RO, em 1990. Hoje sou portovelhense e amazônica de coração. Depois de formado em História-Unipec-2007 (minha grande paixão), passei a colecionar novas paixões: o desenho, a pintura, a escultura e, é claro, a poesia e a literatura. De cada uma pratico um pouco nas horas de “ócio criativo”, exceto a escultura que ainda pretendo aprender. Profissionalmente atuo como professor de História nas redes públicas estadual e municipal em Porto Velho. Além disso, me especializei em História do Brasil (FIJ-2013) e recentemente concluí o curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia-2019.





PASSAGEIRO

Tudo para mim
É passageiro
Amigos... amores... enfim
Sentimento ligeiro
Com gosto ruim
Desengano certeiro

Fugindo aventureiro
Sigo sempre assim
Nenhum companheiro
Sempre distante sim
Alhures esgueiro
Reticente sem fim...

Ana Claudia Brida





MOSAICO

Tal qual vaso
Pequeno e delicado
Tantas vezes de lugar trocado
Por mãos alheias tocado
Assim estou ao acaso.

Tal qual vaso
Com objetos distintos colocado
Ou em solidude deixado
Acumulando poeira do passado
Assim estou em descaso.

Tal qual vaso
Depois de tão mal manuseado
Por fim ao chão estilhaçado
Em pedaços fragmentado
Assim então extravaso:

Do caco me transformo em MOSAICO!

Ana Claudia Brida



ANA CLAUDIA BRIDA



É professora e escritora em Dourados/MS. Mestra em Antropologia Sociocultural, especialista em Estudos Literários e graduada em Letras. Autora de “O Livro das Sensações” e “Frêmito”, participa com artigos e textos em diversas coletâneas acadêmicas e poéticas. Posta também seu material em blogs e pelo Instagram @anacbrida.





Busca

A vida é...
O tempo vai,
Lembrança vem,
Amor, desdém.
Paixão, contém!
Duas faces de uma única alma.
Fracionada...
Em dois corpos, refém.
Saudade e dor.
Quiçá; amor!
Insensato, o prazer.
O que fazer?
Oh! Tortura infinita.
Divide.
Oh! Incerteza maldita.
Decide!
Meu corpo, pelo teu... grita!
Um amor dividido,
Como inverno e verão
Perdidos na estação.
Caminhando em linhas paralelas.
Doce ilusão!
Nada vejo da minha janela.
Permaneço em sentinelas.
Buscarei eternamente...
Um amor;... Simplesmente!



Andreia Mira



Lua misteriosa

Lua
Oh! Lua.
Lua gigante!
Corpo celeste de mil faces!
A supremacia do universo.
Inspiração para meus versos.
De beleza exuberante,
Seja Cheia ou Minguante.
Esfera prateada e brilhante,
Companhia para os navegantes,
Cenário perfeito,
Para os amantes!
Brinda a noite e as estrelas.
Desvenda mistérios inebriantes.
Seja Nova ou Crescente!
Entre devaneios e sonhos...
Recuso-me a contemplar-te,
Somente por um instante!

Andreia Mira





ANDREIA MIRA

Andreia Mira Nascimento (1971), natural de Ourinhos SP, casada; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FAFIJA (2000). Pedagogia pela – UNINOVE (Bauru) Também graduada em Artes Plásticas - FIO (1991). Também Terapeuta Holística e Facilitadora em Barras de Access Consciousness pela FUNDAÇÃO DA ACCESS CONSCIOUSNESS®.EUA (2019). Servidora Pública Estadual, atuando na área da Educação como Especialista em Alfabetização há quase trinta anos. Paralelo aos estudos científicos e acadêmicos, tenho uma paixão pela música, canto, pintura e artesanato. Sempre mergulhada no mundo mágico da literatura; em especial, da poesia. O gosto pela escrita como prática anônima e desprestensiosa, com um toque de ousadia, tomou formas e proporções até chegar às páginas da primeira Antologia Eclipse Poético 2019 - Antologias da editora EDIÇÕES PUBLICAÇÕES.





Inexato tempo

Todos cantam a Musa pelos quatro cantos
Silhueta do pensamento
inebriado, expandido e desordenado
São cantigas, trovas, coroas, elegias, décimas,
Glosas, sonetos, rondós, ladaínhas e haikais
Essas e muitas outras formas
procuram desesperadamente
pelo verso, pelo ritmo
Certeiros
Exatos
Precisos
no inexato tempo da criação
sem rumo, ou direção, apenas
Fluxo necessário
para então o poema emergir,
Iceberg do grande bloco
Gelo agora aquecido
no ígneo fogo das palavras
doadas, outorgadas à desposada alma
aberta
Poeta insatisfeito...

Angeli Rose





Do milagre

...Aterrisso sob minha solidão
(prescrevo-me caminhadas e esperança)
Encontro o santo, os tambores e os crentes
convivendo na lida cotidiana

Ilha, figa do amor,
cenário e corpo
sigo-os e deixo
escorrer pelos ladrilhos
de minha imaginação
a visão dos rebocos, azes históricos,
regada ao *reggae*

No, my, no cry

Mãezinha, muié, me chamam
Sou isso aqui e outras
cariocadas mais
Mas também sendera
para os menos acolhedores
e mais brutais

Enquanto as crioulas me benzem
com a dança-ritual da terra
Força latente, feminina
que firma o romance, encerra,
lendo Maria Firmina.

Angeli Rose



ANGELI ROSE



É poeta, carioca, ativista cultural, pesquisadora, professora e escreve por profissão e insistência. Ph.D em Educação (UFRJ), Doutora em Letras(PUC-Rio). Escritora selecionada para diversas antologias nacionais e internacionais, autora de BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE UMA MULHER PANCADA, de 2 e-books acadêmicos pela editora Atenas, entre ensaios e artigos. Foi agraciada com diversos títulos honoríficos, com destaque para a medalha MARIELLE FRANCO(Literarte/Casa Olodum). É vice-presidente da ALB/Campos-RJ e membro de academias e associações de letras, ciências e artes





Sobre o isolamento

Isolado o mar tão profundo do que não é água,
Cantam moinhos tão sedentos de vinho e imensos,
Todos distantes e sozinhos figurando em uma tela.

Assim tudo que é natureza, tronco e terra seca,
Clama outrora o deleite dos carinhos dispersos
De todos os pés maldosos e inertes, humanos.

E tudo que é humanidade teme, cala, assiste.

Silencio mórbido, olhos atentos e vastos.

Viajante e imune transparece na dor, a justiça
Crua, dura, vilã e mesmo o que é chamado destino.

O toque-toque latente no peito se chama medo.

E a cidade já não é mais. Somos silêncio e só.

Tudo que é natureza, humanidade e folia,

Ingenuidade, maturidade e fibromialgia,

Se curva em temor ao novo senhor do que era futuro,

E tímido sorri, ainda que em frente

O que é novo, frequente e alude a melancolia.

Camila Cabral





Reflexões poéticas

De cada letra deste poema
Sou formada, construída, lapidada.
Cada forma desta grafia inventada,
Codificada e por si incompreendida.
Tragam-me escribas,
Escrevo-me arcaico!

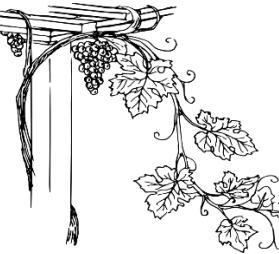
Todas as nuvens outrora escuras
Agora bem longe, aqui o amplo azul!
Azul nos pés, laranja no horizonte,
Calmaria e paz muito acima e ao sul.
Hoje sem sustos, hoje sim e adiante!

A tempestade por mais cinza se apresente
Nada mais que o ciclo natural necessário,
Descarrega todas as gotículas densas
Acumuladas e ainda espetáculo poente,
Retorna então sol límpido, oráculo e tresvario.

As fragilidades nos separam,
As verdades isolam e não existem.
Crio um verso, aleatório e pequeno.
Deste me emergem outros, inquietos
Um poema!

Camila Cabral





CAMILA DE ARAÚJO CABRAL

Camila Cabral, Pedagoga, Mestra em Educação Científica e Matemática – UEMS e Doutoranda em Educação pela UFMS. Sul-mato-grossense, escreve poesias desde os nove anos de idade. Participações: O colecionador de poesias, Grupo Editorial Beco dos Poetas & Escritores Ltda, SP, 2016; Meus poemas Vol IX, Editora Livros do Beco, SP, 2018; VII Coletânea Século XXI, Editora PoeArt, RJ, 2018; I Antologia Poética do Recanto das Letras, Editora Recanto das Letras, SP 2019. Escreve no site Recanto das Letras e Beco dos Poetas. Gerencia a página do Instagram @poesiageometrica com diversos projetos que divulgam textos autorais de poetas de diversas regiões do Brasil e fora do país.





Estranho

O isolamento denuncia
o esquecimento
do quarto ao lado.
Habitado por alguém
que não conheço.

Um cheiro peculiar
de jasmim
marca a presença.
Uma voz baixa,
sussurrada,
pede ouvido.

Nunca havia sido
diferente.
Quase nada mudou.

E o desconhecido anuncia:
Há algo que cresce
solitário
no quarto ao lado.

Danielle Teixeira Tavares Monteiro





A casa

A contradição do significado.
Simbologia expressa
no isolamento.
Retorno do que era.
Encontro com o que não era.

Erupções vulcânicas
de sentimentos.
Um dinossauro há tempos adormecido
acorda.
E o monstro está preso
no armário.
A infância perdida
na imaginação
e no medo.
O encontro é imposto.
A solidão ganha companhia.
Habitada pelo desconhecido,
traz a dúvida,
elucida o buraco,
cratera exposta no chão
do quarto,
da sala,
da cozinha.



E denuncia:
A casa cheia
é a descoberta
da grande casa vazia.

Danielle Teixeira Tavares Monteiro



DANIELLE TEIXEIRA TAVARES MONTEIRO

Eu sou Danielle, mãe de Agnes e esposa de Jesus Alexandre; assistente Social de formação, psicanalista, mestre e doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pela Universidade de Coimbra, Portugal; pesquisadora no grupo de pesquisa *Psicologia, Trabalho e Processos Psicosociais* (PUC Minas – CNPQ) e servidora pública da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (ALMG). Envolti-me com a arte através da escrita e da dança e, atualmente desenvolvo trabalhos que relacionam psicanálise e processos artísticos no Instituto Kinesis – dança, expressão, artes. Sou idealizadora do blog *Imersão*, no qual apresento meus textos e expresso as manifestações de um olhar que olha. Em 2020, publiquei meu primeiro livro de poesias *Aresso*.





O lar, abrigo

Não importa se a casa é nova ou velha.
Se tem lustres de cristais ou simplesmente vela.
Se tem chuveiro é serpentina ou hidromassagem.
Cada lar é abrigo, que abriga nosso amor, nossos sonhos,
nossa personagem.

Abriga alguém que a gente nunca quer ver ir embora.
Cada casa tem seu estilo. Janelas largas, portas estreitas, de
ferro ou madeira.

Tem seu modelo, de tijolo ou de barro. Mansão, casa, porão ou barraco.

Cada lar tem sua história, sua cultura.

Comer na mesa ou na frente da TV enquanto passa o programa que a família gosta de ver. Não é certo ou errado, nem falta de etiqueta ou elegância.

Cada um pega o prato, inicia a comilança.
Cada lar tem seu segredo.

Aquele que pedimos silêncio quando chega a visita.

Tem os medos, tem as brigas.

Tem os traumas e as histórias mal resolvidas.

As certezas e incertezas.

Embora se ganhe o mundo é pra lá que se quer voltar.

Arroz e feijão na panela, melhor refeição não há.

Contar as moedinhas, para o pão ir buscar.
Cada um de nós possui abrigo, seja em alguém ou em
algum lugar.



Elida Carolina Coelho Ferreira



O corpo

O corpo reage.
Reage ao amor.
A dor.
Ao frio
Ao calor.
Ao tesão.
À solidão.
À emoção.
A crença.
A descrença.
O corpo reage. Grita. Bate.
Pede socorro, agradece, esmorece.
O corpo vive. O corpo morre.
Cabelo nasce, cabelo cai, cabelo cresce.
O corpo sobrevive em meio ao estresse.
Reagindo as emoções da mente e coração.
Mesmo que a boca seja amordaçada.
Ele dá voz. Ele reage.
Escute o que seu corpo quer falar.
Ele reage.

Elida Carolina Coelho Ferreira





ELIDA CAROLINA COELHO FERREIRA

Sou mineira natural de Itabira – Minas Gerais, formada em Serviço Social pelo Centro Universitário Novos Horizontes em dezembro de 2016, atuo como assistente social no âmbito hospitalar. Escrevo desde os 8 anos e tenho na escrita uma aliada na para transmitir minhas emoções.





Ficar

Não é de ir que falo, é de não ir.
É de permanecer.
É de estar no mesmo lugar por um tempo.
Tempo suficiente pra fazer descobertas.
Boas descobertas.
Descobertas...
E que descobertas!
Descobertas de amores, não físicos.
Daqueles que que fazem florir o coração.
Não de flores que murcham, de flores perpétuas.
Perpétuas como o brilhante, não a pedra.
Mas a Luz, aquela que fulgura em teus olhos quando me vê.
Fica!

Esmeraldo Storti





Por que eu?

Justo eu que te amo,
Que jurei fazer-te feliz,
Fiz promessa de nunca te permitir chorar.

Oh vida ingrata de um insensato,
Descumpridor de promessas,
Ainda que não queira.

Não prometo mais,
Não juro mais,
Não chore mais.

Porque farei a diferença,
Marcarei presença,
Trarei sorrisos embalados.

Sorrisos límpidos de lágrimas,
Sorrisos floridos,
Sorrisos não apenas de alegria, mas de paz.

Paz desejada, comemorada,
Encantadora,
Encorajadora para a alma.

Esmeraldo Storti



ESMERALDO STORTI



Brasileiro, Casado, 46 anos, Professor, Mestre em Teologia, Bacharel em Administração de Empresas e Psicólogo Clínico. Autor dos Livros: “As Raízes da Violência Contra o Professor nas Escolas Brasileiras” – Ed. Edições e Publicações e “Identificando Seitas” – Ed. Clube de Autores. Co-autor das Antologias Salmos Modernos II e III, lançadas em Genebra/Suíça – Ed. Céu do Brasil, Poesias Sem Rota – Ed. Edições e Publicações, Eclipse Poético – Ed. Edições e Publicações, Fantasias Poéticas - Ed. Edições e Publicações e Epifania em Palavras - Ed. Edições e Publicações.





Dilema

Versos são curiosos
Uns são gostosos
Outros alforria
Alguns dão alegria
Com grande euforia
Todos como a vida
Às vezes moribunda
Pouco adocicada
Com certa elegância
Porém mal falada
Não ligo pro dilema
Dando errado vira poema

Fernando Alves





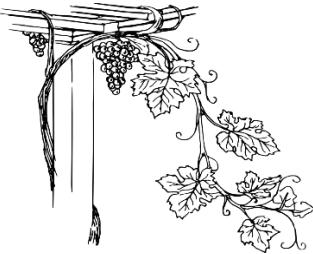
Superficialidade

Largar a mão do não, corrói
Até para o mais valente herói
Que enxergando-se como letal
Teme apresentar-se como cristal

Correndo na esteira da aparência
Causa ilusão sem procedência
Trocando a doce valsa da vida
Pela árdua caminhada contida.

Fernando Alves





FERNANDO ALVES

Fernando Alves, 31 anos, Acadêmico Imortal na Academia Independente de Letras – Ail Ordem Scriptorium, cadeira 94. Imortal na Academia Mundial de Cultura e Literatura – AMCL, cadeira 20. Poeta, colunista e educador, tem a poesia como seu foco principal na escrita. Colunista do Jornal Mirassol Conectada, escreve na área da cultura, crítica de cinema. Colunista do Jornal Canadense Brazilian Wave.





Palavras

Ácidas palavras envenenam-me
desapontam os ouvidos crédulos.
palavras ásperas saem da tua boca
e acinzentam o recinto tingido.

Palavras que se dissolvem
no vão da insólita superfície,
percorrem pelo meandro do meu eu
e penetram no âmago das sensações.

Palavras amargas pairam pelos ares
e são sobrepostas por dóceis palavras,
fartas palavras...
que apetecem o meu coração.

palavras...

Geovana Rios





Amor de Lua

A lua se contorce
em círculos de prata
pugna a áurea
esplêndida e coesa.

fascinante, seduz os astros
sina habitual, aliada das estrelas.

a lua perpassa e deixa rastros
no compasso das constelações.

a lua resplandece e enaltece
impetuosos corações
que flirtam...
com o fulgor dos olhos teus.

sou lua enfeitiçada
que antecede a chegada do sol
desfazendo-me em prol
do adeus...

Sou lua dos olhos teus.

Geovana Rios



GEOVANA RIOS



Geovana Rios nasceu no ano de 1998 na cidade de Várzea da Roça, interior da Bahia. Ingressou no mundo mágico das palavras desde cedo, tendo sua mãe como professora. Aos dezesseis anos, encontrou na escrita um refúgio para todos os pensamentos que não conseguia organizar, desde então, escreve histórias, poemas e textos à base de emoções fortes e sinceras. Apaixonada por livros e poesias, uniu suas maiores paixões em *Madrugada Poética*, sua primeira obra.





As estações

O tempo se esvai
com cada folha que cai
e o outono diz ai.

A rua vira um inferno
no frio quase eterno
do impiedoso inverno.

A primavera e seu alarido
transmuda em belo colorido
esse mundo ensandecido.

No glamour do verão
cada olhar voa em direção
ao perecível corpão.

Hélio Sena





As estações II

Chegou o outono
e sem mágoa nenhuma
eu me abandono.

Quando uma taça de vinho
troca o frio gélido do inverno
pelo aconchego do carinho.

"Um inefável insulto"
assim definiu a primavera
o pintor mais astuto.

Se escafedeu o verão
e agora tudo não passa
de morna recordação.

Hélio Sena





HÉLIO SENA

Cearense, professor, contista & poeta. Publicou as seguintes obras: *Falsidade da Noite*, *Estrela é Mesmo um Bicho Bom* e *Nós & a Rosa*, além de participações em diversas coletâneas. Contato: heliosena@rocketmail.com.





Apenas Tu

Eu risco o fundo do poço
Grafitando velhas poesias
Mas que desgosto
Tanta utopia
E nem mesmo tenho-lhe aqui

Ah, porque amar
amar sempre será...
Esse terremoto, esse dilúvio
E se não faz-te desaguar
Nem daqui, nem de lá
Fora um tiro súbito

E meu bem,
o mundo nunca verá
tudo o que sinto e te escrevo
semeado às lembranças de teu beijo

Apenas tu atentará
com os olhos de tu'alma
na leveza de tua calma...
enxergará

Pois, não há
nem daqui, nem de lá
alguém no qual me vejo
em meu completo eu
Apenas tu!

Ian





A Loucura que tu me despertou

Quase sempre diante de um ato falho
Rogo forças entre o além e o fim
Tentado pela tua doce voz
Escondo os desejos em mim

Pois, teus olhos
Esses que me devoram a boca
Atiçam a loucura que disfarço
Sempre a beira de tirar-lhe roupa

Estilhaçando os meus sentidos
Pinto tu'alma
Ateando fogo em meu coração
Toda vez que tu me fazes perder a calma

A loucura que tu me despertou
Afronta a parte anjo em mim
Sou ato falho, sou um desconhecido
Eu sou uma dose de gin

E perco-me entre ir e vir
Como se estivesse sido expulso do céu
Frenético dentro de mim
São teus olhos, teu fel

Por teu pecado sutra
E tua alma Dutra

Ian





IAN

Acadêmico de pedagogia, escritor de erotismo lírico e um homem fadado a romantizar tudo o que sente e escreve na sua mais profunda intensidade, daquilo que lhe transborda pelos dedos, pois, metade de si é lirismo e a outra metade é poesia.





Coleção

Colecionava cartões de telefone
Conversas que não cabiam em 40 unidades
Palavras não ditas
Do outro lado da linha

Colecionava canetas
Pontas preservadas, cargas cheias
Privadas de traços e letras
Pelo simples medo de errar

Colecionava chaveiros
À procura de chaves
Para incontáveis portas ainda trancadas
Dentro de si

Colecionava canecas
Porque em seu bojo
Oco, profundo, vazio
Cabiam mil e outros colecionismos
Pingentes
Pedras
Perdas

Nenhum certificado de autenticidade
Colecionava tudo
Cada canção, cada refrão
Capaz devê-lo em cada objeto acumulado
Colecionava nada
porque no fundo
era tudo que havia restado.



Isadora Lomeu Nunes Hermann Garcia



Redenção

Não, isto não é um anúncio.
Naquela noite de festejos juninos também não era
O vestido monocromático nunca esteve em uma vitrine ou
arara
Jamais foi exposto ou experimentado por corpos
desconhecidos
Ele nunca foi um convite
Assim como a criança que um dia o vestiu
Depois de muitos apertos e constante desconforto
É hora de se desfazer da peça.
Este vestido me pertence,
A culpa entranhada em cada fio do tecido que o compõe...
Não mais!

Isadora Lomeu Nunes Hermann Garcia





ISADORA LOMEU NUNES HERMANN GARCIA

Educadora, viajante, aventureira no mundo da fotografia, amante de gatos, colecionadora de momentos, acumuladora de vivências e nenhum souvenir. Acredita que palavras curam, libertam, transformam. Isadora é licenciada em Geografia (UFV), pós-graduada em Arqueologia e Cultura e, atualmente, aluna do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. É natural de Volta Redonda/RJ, leciona Geografia em Santana de Cataguases/MG, mora entre Viçosa/MG e Cataguases/MG, deixa um pouco de si em tudo que faz e um pedacinho do coração em cada lugar que passa.





Desabafo de uma escritora

Ser escritora é, por vezes,
um caminho árduo a ser trilhado;
sobretudo, sem dinheiro,
tampouco contatos.

Eu fui impulsionada a externar
através da escrita lírica
todas as mazelas incumbidas
à minha lamuriosa vida.

Apesar dos pesares,
é demasiado animador
ser lida e compreendida
por um assíduo leitor.

A minha arte me edifica,
e, ainda que eu não receba
o reconhecimento almejado,
por ora, me basta revigorar
o meu âmago extenuado.

Jeane Tertuliano





O lar que me aquece

No vaivém oscilante dos olhos teus,
naufraguei numa paixão descomunal.

Irrequieta de volúpia, rumei a ti;
e juntos, experienciamos um deleite visceral.

Nada nem ninguém poderá sentir tal ardor:
cada qual sente a seu modo, assim sucede.

Ah! Quem diria que esta flama se tornaria amor?

Quem diria que tu serias o lar que me aquece?

Eu anseio por ti, venha ser feliz ao meu lado!

Eu careço de te amar, venha, me tome em teus braços!
Tu és meu e eu sou tua, tomara que não sejamos como o
sol e a lua!

Que possamos irradiar no mesmo céu, ser um do outro
sem pudor.

Aclete a minha proposta, pois tu bem sabes: comigo, não
haverá dor.

Jeane Tertuliano





JEANE TERTULIANO

Jeane Tertuliano é feminista, poetisa e letróloga. Em novembro de 2019, seu poema intitulado Quimera foi destaque no 31º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas. Em 2020, tornou-se membro correspondente da Academia Literária Internacional de Artes, Letras e Ciências 'A Palavra do Século 21' - ALPAS 21. Ainda no ano corrente, foi selecionada no 4º Concurso de Poesias - Prêmio Cecília Meireles e no XXXV Concurso de Poesia Brasil dos Reis.





Mãos que falam

Reluzentes, elas bailam
Parecem mesmo dançar
frente ao corpo vestido de preto
Os gestos seduzem
Mas são as expressões que fascinam
É linguagem, é expressão!
Não é meio alternativo, é legítimo e real
Não é mímica!
É língua autêntica, e fantástica!
Nada pode lhes calar
Nem mesmo a apatia do corpo
Ou a moléstia dos sentidos
Os ruídos externos se rendem
Até eles reverenciam as mãos que bailam
Elas são as estrelas anfitriãs
São as vozes que se negam a vibrar
Simbolizam a alma
Emoções e pensamentos
Transpõem sentidos
E revelam infinitos.

Jéssica Rodrigues





E outra vez, uma partida

Novos ares, lugares, paisagens
Velhas lembranças, sentimentos e emoções
Um desejo infinito de refazer a vida
De reconstruir afetos, desatar os nós
do esquecimento, da rejeição, da dor
Mais uma vez, coragem!
E outra vez, avante!
Somam-se perdas aos novos caminhos
Acrecentam-se esperanças aos espinhos...
E nada do que foi se perdeu
Cada vivência e aprendizado, valeu!
Do recomeço, a esperança
Do medo, o ímpeto para “experienciar”
E outra vez, uma partida
E lá se vão os sonhos,
Os chamegos, o apego
E chegam novos afetos,
novas conquistas e segredos
Até que finalmente,
Quando tudo parecer envolto em paz...
E outra vez, uma partida.

Jéssica Rodrigues





JÉSSICA RODRIGUES

Pedagoga, professora, especialista em alfabetização e letramento e em letras, português e literatura. Coautora em diversas antologias, escreve em verso e prosa, para adultos e crianças. Seu livro solo é o “ A vez e a voz da palavra”, lançado em 2019.





Estrela Cadente

No silêncio noturno, noite estrelada,
Sozinho o amante, na hora marcada.
Badala o sino, história contada,
No banco gelado, alma encantada.
Fogo e luz, no céu brilhou,
Leste a oeste, nos olhos marcou.
Intensa alegria, a luz espalhou,
No coração, daquele que amou.
Num instante de tempo, intenso calor,
Abriu-se o sorriso, pulsou em ardor.
Descendente sinal, o céu rasgou,
Iluminada a abóboda, o dia chegou.
Efêmero momento, lágrima rolou,
Num piscar de olhos, sozinho ficou.

Josenilson Costa de Oliveira





Farol

No mar agitado, furiosa tempestade,
Assustados olhos buscam piedade.
Rangem os mastros, vento agitado
Velas rasgadas, marinheiro assustado.
Escuridão cortada pelo som do trovão,
Firme o leme, de pé o capitão.
Chicoteiam as ondas, a madeira partida,
Chora a criança, na cabine perdida.
Na flor da água, navios partidos,
Flutuam nas ondas, destroços moídos.
Forte é a água, mortal a corrente,
Corta o mar, o rochedo imponente,
Na noite escura, um farol reluzente,
A luz da esperança, brilhou novamente.

Josenilson Costa de Oliveira





JOSENILSON COSTA DE OLIVEIRA

Designer e artista visual. Divide o tempo entre projetos de design, ilustração e histórias em quadrinhos, além de atuar como professor universitário no Centro Paula Souza, em São Paulo. É roteirista de quadrinhos e animação. Produz contos e micro contos, tendo sido selecionado para publicação em editais da Lura Editorial e do grupo Carreira Literária. É membro da Hardcover, grupo de escritores criados e coordenados pelo escritor e roteirista best-seller André Vianco. Fã de Álvares de Azevedo e Fernando Pessoa, escreve poesia desde o final da adolescência. Sua paixão são os sonetos e liras.





Percepções

Enquanto me lês
Nas entrelinhas
Eu te leio e devoro
No fundo dos olhos.

Embora não consigas
Ver o rosto de quem
Em meu poema
Tu vês muito além.

Então
Permita-me invadir
A tua percepção
Sem deixar-me
Entender-te.

Pois a mente não
É como um portão
E o terreno da sensação
Não se pisa
Somente se sente.

Kleyser Ribeiro





Mulher sagaz

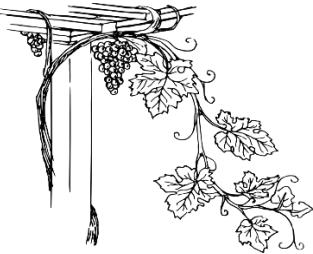
Mulher sagaz
Aquela que é capaz
De ser muito mais
Que os planos dos pais
Sabe aonde ir
Chegar e sair
Chorar e sorrir
E se divertir.

Não se arrepende
Do que não fez
Errando, aprende
A tentar outra vez
Pois sempre luta
Enfrenta e disputa
Com garra, na busca...
A vitória degusta.

Porque sabe que é...
Acima de tudo, mulher.

Kleyser Ribeiro





KLEYSER RIBEIRO

Kleyser Ribeiro é professor, escritor, contista, poeta, engenheiro civil e corretor de imóveis. Nasceu na pequena cidade de Imaruí, na região sul de Santa Catarina. Cresceu em Joinville, na região norte do estado. Morou também em Florianópolis. Atuou como professor substituto na Universidade Federal de Santa Catarina. Tornou-se professor efetivo na Universidade do Estado de Santa Catarina. Reside em Laguna, no litoral sul, onde iniciou a carreira literária. Possui publicações em livros de várias editoras.





Minha epifania

Acordar um pouco tarde
Abrir minha janela
Contemplar crianças a brincar
Tomar aquele café de outono
Escrever poesias num papel rasgado
Sentindo o outono na pele
E as gargalhadas da calçada no coração.

Lenilson Silva





LENILSON SILVA

Paraibano de Pedras de Fogo com orgulho. Professor de Língua Portuguesa, escritor, organizador de alguns livros, autor de 10 livros: Aldravias no jardim (Editora Perse); Aldravias no jardim 2 (Editora Clube de autores); Aldravias no jardim 3 (Editora Clube de autores); Nôdoas poéticas (Editora Clube de autores); O jardim do meu quintal – Poesias (Editora Clube de autores); Eflúvio poético - poesias (Editora Clube de autores); Inócuia poética – poesias (Editora Clube de autores); O jardim do meu quintal 2 – poesias (Editora Clube de autores); Poesias vindas e partidas de um coração poeta I (Editora Clube de autores); Poesias vindas e partidas de um coração poeta II (Editora Clube de autores).





Vertigem

"Antes do despertar tudo girava
Em um carrossel enlouquecido de luzes e sombras,
Um caleidoscópio turvo e embaçado.
Senti-me centrifugar em um labirinto veloz
Ao abrir os olhos, tudo veio para fora
Muito do nada que do dia anterior restou
Sem esforço, sem vontade
De forma urgente, súbita e profícua!
Ao levantar, um vácuo!
Onde está o chão? Diziam meus pés ao clamar por apoio
Deitei e fechei os olhos
Melhor dormir novamente!
Apaguei"

Márcio Antônio Araújo





Passas!

Eu passo, tu passas, ele passa...
O Natal passa
No Natal, passas!

Nós passamos...

No Ano Novo...
Passas de novo!

O ano passa,
O Carnaval passa,
Tudo passa!

Em tudo, passas!

No arroz, passas...
Na farofa, passas
A uva é passa!

Passas em cachos, passas avulsas
Passas escuras
Passas às claras!
Mas o que se passa?
Por que passa?
O por quê passas?
Passas ao gosto, passas ao rum,
Nada ultrapassa!
Passas, sim! Passas assim...
Passas enfim!



Márcio Antônio Araújo



MÁRCIO ANTÔNIO ARAÚJO

É professor doutor de Farmacologia da Universidade Federal do Maranhão. Escreve crônicas, resenhas, poemas e críticas de forma amadura. Tendo poesia publicada no livro “A Rua e sua inquietude – memórias e liberdade”, editora Assis, 2018.





Sempre ela. Tão bela!

Encontrei-a numa caixa
Outra vez cravada num espinho
Numa linha ela se encaixa
Suspira cheia de saudade
Verte lágrimas na face
É moda em qualquer idade
Sempre ela. Tão bela!
Registrada em documento
Amassada e rasgada nos deslizes
Nos rabiscos se vê o tormento
Única num coração apaixonado
Colorida como um jardim
De preto se veste e fica arquivada
Sempre ela. Tão bela!
Habita em todo universo
Ela canta, dança e surpreende.
E com amor a palavra completa esse verso
Sempre ela. Tão bela!

Marli Voigt





Engenho da natureza

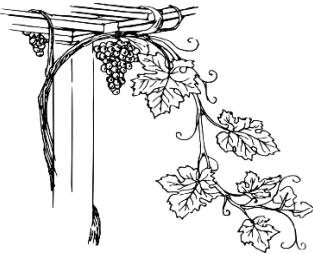
Um projeto rascunhou em desenho
Com um traço fino todo moldado
A casa de palavras é o meu engenho
Na doçura da letra é guardado

No caminho vi canteiros de flores
Um farfalhar verde deste arvoredo
Música e poesia são os amores
Vivendo num grande e feliz enredo

Ao grande arquiteto da natureza
A gratidão do viver na sua luz
Fornece tudo com sua gentileza
Para a humanidade que conduz

Marli Voigt





MARLI VOIGT

Marli Voigt, natural de Marcílio Dias-Distrito de Canoinhas –SC, Nasci em 23/07/1965, resido em Curitiba-PR desde 1988. Publicações em diversas Antologias. Autora do Livro de Poesias- Temperos da Vida. “Sou amiga da natureza, encontro nas palavras o sorriso das flores e amores pintando minha aquarela interior.”





De nada a temer

O luar que visitaste a semana
Que findou naquela noite anterior.
Dali, fulguraste o refletir do amor,
Ao qual recomeçarias
De o final que não se acabou.

E com esta transitória apreensão,
A sentinela fazia a vez, a tua própria vez.
Espetáculo que anoitecia da escrita
De um prosador lascivo por seu ser.

Invadirias ao mergulhar na mesma mente,
Em que caudal,
Ficá-lo-ia mais profundo que um mar.

E, de caso desconhecido,
Perdidamente, tu ficaria na imaginação,
Tal como o navegante
Num longo oceano a naufragar.

Maurício da Silva Régis





O bem-me-quer

Canta belamente o colibri,
No pomar de dois anjos.
Devem ser os serafins,
Chilreando-os como donos.

Bem-me-quer indissociável
À moradia do Senhor.
Em miudinhos de amarelo,
No qual decora um louvor.

A matina riste sozinha
Na entrelinha do contista.
E a solista andorinha,
Cantarolara a Deus com dom?

A plantinha bem que quis
Serenar também um dó.
E um dos anjos trouxe a lis
Que entrelaçou num só de o nó.

É de morada o bem que quer,
Jardinar o chão da Terra.
Em pedacinhos degota a gota,
Há de chuviscar na curta reta.

Maurício da Silva Régis





MAURÍCIO DA SILVA RÉGIS

Em 2005, formou-se em Magistério - Ensino Normal -, no Colégio Estadual Professor Rocha Pita. É natural de Camassandí, localizado no Estado da Bahia. Especializou-se como Técnico em Administração, no Centro Territorial de Educação Profissional do Recôncavo Baiano (CETEP). Além disso, cursou Produção Textual e Editoração Eletrônica de Revista, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), atualmente é estudante de Letras pela Universidade Federal Fluminense. Em 2018, publicou *RESTOS*, o primeiro livro solo uma vez já lançado por uma Editora. Em 2020, fez o lançamento de vários livros pela Amazon.com e *MARCELLE* (CHIADO BOOKS). Nas horas possíveis, portanto, se dedica às escritas, relacionando-se com os textos literários. Ganhador de prêmios: finalistas dos concursos literários promovidos entre 2009 a 2020.





Amor de primavera

Esbarrar com seu olhar é mágico,
Nem as mais belas constelações do universo
se igualam a sua beleza

Para me sentir realizada
Basta cruzar com seus lindos olhos,

eles são para mim,
como flores em um jardim

Que ao olhá-los me encanto,
com esse canto que canto
cada vez que cruzo
com seus lindos olhos

Meu dia florí, perfuma,
fica harmônico,
a vida sorri pra mim
quando lhe encontro,

e como é maravilhoso encontrá-lo
é belo, é realizar algo que espero

E continuarei a ansiar,
pois aovê-lo não sei explicar,
é mais intenso que o mais imenso luar,
desvendado em um milhão
diversas formas de amar.

Náthaly Cristina de Souza





Alma gêmea

Te amei nessa vida,
mas não o tive,
quis estar perto,
mas seu coração não pertencia a mim,
me contive!
Mas te ver és meu ponto fraco
e junto a você estive,
Bastou ver no meu olhar,
que só com teu olhar poderia me ganhar,
todas às vezes que eles
com os meus se encontrar,
quem sabe nessa vida,
ou em outra não importa,
vou te amar, e sonho com teus olhos
um dia poder estar.

Náthaly Cristina de Souza





NÁTHALY CRISTINA DE SOUZA

Náthaly Cristina de Souza mora em Bauru, SP. Participa como passista no grupo carnavalesco estação primeiro de agosto, Ama dançar e escrever. Trabalha numa clínica que cuida de idoso e pretende ingressar em uma faculdade de Psicologia. Participou da Antologia “Nossos Escritos Poéticos” .





Desalento

Neste momento de distanciamento
Reclusa na varanda do meu lar...
Noto que o céu, não estar azul como deveria...
Um amontoando de retalhos de pensamentos
Invadem o meu coração angustiado
Faço uma reflexão...
Atenta as nuvens revoando no ritmo do tempo
Bate uma saudade imensa...
Impulsionando-me há instantes remonto
Enobreço o silêncio...
Há ocasião de aflição...
É árduo esquecer o passado
É angustiante o presente de insegurança,
Do que está por vir...
O vigente é a sombra que se movimenta
Desagregando o ontem do amanhã
Nela repousa a esperança...

Nicycosta Costa





Tenor

Dias sombreados...
O mundo está apoquentado...
A humanidade está assombrada
Com o flagelo que afeta o planeta
Há uma grande inquietação Universal
Sorrisos se afogam em um mar de tristeza
Numa afluência de incerteza, uns se angustiam
Para outros, a solidão é agremiação, num deserto de agonia
Onde suas companhias são a Fé e a nostalgia
Com a fragmentação do panorama vigente
As necessidades se transformam...
O desassossego perdura
E o medo é o audaz...

Nicysta Costa





NICYCOSTA COSTA

Nicycosta Costa, natural de Santa Inês, Estado da Bahia; reside em Salvador. Licenciada em Filosofia pela UCSal (Universidade Católica do Salvador); Graduada em Pedagogia pela UNESA (Universidade Estácio de Sá); Arte Educadora; Atriz. Atualmente dedica sua vida ao Teatro Comunitário.





O elefante girafa

Ele parou no canto
Debaixo daquela árvore
Ficou de soslaio olhando
A beleza da girafa.
Aquele olhar espantado
Era brejeiro demais
Ele só não entendia
O porquê de a girafa amar.
Ele é um elefante
Grande e poderoso
Cheio de glórias e vitórias
E como é que podia
A girafa amar.
E daí foi que lembrou
Que elefante era não
Era uma girafa com feitiço
Que em elefante a bruxa transformou.
Foi chegando bem pertinho
E para a girafa se declarou
Ela ficou assustada
Mas seu amor aceitou.
Um belo toque de tromba
Na boca da girafa ele deu
E o elefante belíssimo
Em girafa se transformou.
O amor nasceu na selva
Belo forte e vigoroso
E o elefante enfeitiçado
O amor da girafa ganhou.



Paulo Roberto Silva



Corpo qualidade

Ciente da vida que leva
No barco em que navega
Girando no eixo
De uma vida feérica.
Dúvidas que não possam gerar dúvidas
Corpo máquina de exploração do tempo
Xilogravura criada por Deus
Ser que deve-se preservar.
Pés têm que estar no chão
Sensação física de estar bem
Consciente do seu emocional
Corpo que não deve ficar estático.
Hoje aqui, amanhã quem sabe
Corpo é sputnik de passagem
Massa que caminha sobre o planeta
E que precisa saber e reconhecer a magia do viver bem.
Corpo
Sensível
Existência
Coração que bate.
O que adianta estar aqui se não souber quem és?
Depende de você e somente de você
Corpo e alma no estar bem consigo mesmo
Saúde é o que interessa e a qualidade só depende de sua consciência.

Paulo Roberto Silva





PAULO ROBERTO SILVA

Paulo Roberto Silva nasceu em Bauru/SP no dia 19.10.1958. Mestre em Serviço Social e Especialista em Recursos Humanos. Funcionário Público. Participou em diversas coletâneas/antologias e possui quatro livros solo, sendo três de poemas, poesias, tautogramas, indrisos e afins e um de contos. Ex-integrante do Grupo Teatral Dante Alighieri e atuou em diversas peças teatrais e na década de 80 fez participação em duas produções cinematográficas. Membro da Academia Virtual de Letras Sociedade dos Poetas Virtuais, Cadeira 49, Patrono: Rodrigues de Abreu.





Noemia (mãe)

Noemia é um nome tão sereno
Nele, no entanto, há vitalidade,
De fato ele tem algo ameno,
E ao mesmo tempo sublimidade.

Ele é força, um firme terreno,
No campo da perplexidade
Entre outros tantos é o mais pleno,
E de tão pleno é humildade.

A confiança é nele encontrada
Toda esperança é nele gerada
Ele é na vida um fiel divã.

Por tal fato nele me deleito
E o levo guardado no meu peito
Como um precioso talismã.

Rafael Camargo de Campos



Nota: Homenagem a Noemia Camargo de Campos, mãe do autor.



Intenso amor

Como te amo! Amo-te tanto!
Em cada gesto, cada respirar,
Amo-te no sorriso e no pranto
Não quero e não consigo parar.

Amo-te sempre, em todo lugar,
Nem posso imaginar o quanto
Além do que sei amando estar,
E ainda é pouco, entretanto.

Amo-te e basta-me tal encanto
Para mais dele eu procurar
O amor é calma e é espanto,

Ele é alívio e também pesar.
E por amar deste modo, tanto,
Eu já nem sei o que é não amar.

Rafael Camargo de Campos

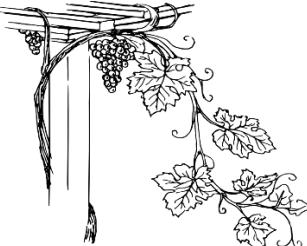




RAFAEL CAMARGO DE CAMPOS

Rafael Camargo de Campos, brasileiro, nasceu na cidade de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, em 1987 e aos 7 anos de idade mudou-se para Sapucaia do Sul onde vive até os dias de hoje. Cursou boa parte do Ensino Fundamental na escola Primo Vacchi e ali foi onde descobriu seu amor pela leitura e seu talento para escrever e desde então tem dedicado boa parte do tempo à criação de poesias, contos e letras de canções. Desde os 18 anos trabalha como metalúrgico e atualmente estuda Sistemas para Internet no Instituto Federal do Rio Grande do Sul.





Flor bela

Não! Não esqueça: não precisa ser perfeita.
Farei tudo para seu mundo ser redondo.
Porque as rodas fazem tudo ser leve, suave...
Penso no seu ser de mulher, querida.
Minha parte está com você, agora!

Não! Não precisa ser perfeita.
Basta me chamar de meu amor.
Beijar seus lábios é ganhar o céu.
Sua cintura é a curva mais perfeita
posso sentir no toque da mão.
Suave como as nuvens que passam...

Não! Não esqueça:
não precisa ser perfeita.
No seus olhos tem a marca
da perfeição mais bonita.
Deus colocou em você.
O amar é um exercício tão bom
que todos os dias práctico com você.
Amor! Eu lhe amo, tá?

A perfeição existe?
Eu não sei, mas ao olhar no seus olhos
sinto que está aí.

Não, não precisa ser perfeita.
Me ama que amarei-a para sempre.
Ah! Como é bom dividir a vida...
No mundo mais que perfeito
tenho você comigo.

Roberto Amorim





Aprendiz

Não! Não importa, se não escreves como eu.
Mas meus versos são para te encantar.
Seus olhos fazem as estrelas brilharem mais.
Meus sentimentos não guardo comigo.
Digito e ficam para sempre, agora.
Meu coração segue apaixonado este que é seu.
Não! Não importa se não vagueia nos versos como eu.
O que importa é que quando escreve,
conta uma história inteira.
Se me ama,
como as flores que nasce na primavera.
Seu coração pulsante
Falará tanto que contará uma vida inteira.
Não! Não precisa...
Tu és sucinta, grande no pensar.
Não somos iguais,
Mas juntos somos o todo
Nos completamos
Sabe por quê?
Porque Deus quis assim
Fez para mim.
Vou ser sua melhor companhia.
Te dar tanto amor
Ah! Nossso amor.
Não importa as letras.
O importante é o que seus olhos
Fazem por mim.
Seu ser é especial.
Vou te mar, te amar inteira.
Ah! O amor: alegria, mansidão, ordena, reserva...

Roberto Amorim





ROBERTO AMORIM

Nascido em Cabo Frio, em 14 de agosto de 1964, viveu sua infância em Arraial do Cabo, na Vila Industrial, onde residiu até os 18 anos de idade, quando se mudou para a cidade de Cabo Frio. Formou-se em matemática pela Ferlagos, onde também se pós-graduou em Análise de Sistemas. A escrita de poemas surgiu para defender a natureza e narrar suas experiências de vida. O escritório tem três livros editados: 2017, 2018 e 2019.

Acadêmico da ALACAF: Academia de Letras e Artes de Cabo Frio.





Jardim de margaridas

Tenho em meu pequeno quintal
Um jardim de margaridas
Algumas variedades tão raras
De folhas múltiplas coloridas.

Com elas há também outras flores
De tal formosura e beleza
Mas não há como igual às margaridas
A Ternurinha, entre rainhas e nobrezas.

És tão frágil, oh! encantadora florzinha
No charme de suas pétalas tão belas
Porém, a que me encanta e fascina
São as brancas, botão de cor amarela.

Margarida minha flor, meu encanto! Do meu bem-me-quer,
eu ti quero... Oferto-te um ramalhete de cores do meu jardim
de flores com muito amor e esmero.

Rodrigues Paç





Natureza em chamas

O dia escurece, vira noite
Fuligens negras vindas de queimadas
Há um certo agouro vindo da floresta
São almas que suplicam por piedade.

No espalhar do vento fúnebre, o assobio Abraço ávido das
chamas no arvoredo
No arder da terra, flui o sangue verde
Vê-se desnuda em cinzas, toda natureza.

Na desvairada queima, a dor e o desespero
Dos choros sangrados e de vidas mortas
Tingir-se há as águas de vermelho.

E a natureza morta um dia se levanta
Em um nascer regenerante à própria cinza
Qual fênix que das cinzas se agiganta.

Rodrigues Paz



RODRIGUES PAZ



É escritor independente, nascido em Osasco - S.P. Teve uma infância difícil, caçula de uma família de cinco irmãos todos ainda muito pequenos, quando o pai veio a falecer. A mãe teve que pelejar e na época foi ser lavadeira, quando então, juntava os livros velhos que os patrões jogavam fora e levava para casa. E foi aí que se encantou com um livro já gasto e sujo que estava junto aos demais, tratava-se de um romance juvenil escrito por José Mauro de Vasconcelos: "O Meu pé de laranja lima", e daí por diante se apaixonou pela escrita e livros. Possui um volume de poesias e contos ainda inéditos, atualmente, está em seu terceiro livro , "ALMA NAVEGANTE- Contos & Poesias" e preparando um livro infantil. Tem participado de vários concursos literários, alguns tendo premiações em troféus, medalhas, certificados, honra ao mérito enfim. Tem como base de suas escritas a verdadeira crença no Amor. Rodrigues Paz, enfim!





Sonhos proibidos

Procurei, incansavelmente, seus olhos,
Relutei por uma mensagem de adeus.
Esqueceu, rapidamente, meus beijos.
Apagou da agenda meu contato...

Levou-se pelo medo e corrompeu os sonhos.
Fiquei à espera de suas surpresas, de novo,
Com a euforia inicial em fortes sintonias,
As marcas de deceção no gotejar facial.

Se, por acaso, algum dia ler esses versos.
Para você os dedico, com muito desejo
De ter a sua volta e toques, quem sabe,
Nas vindouras tardes varonis, cá ou lá...

Reacenda os desejos contidos e rompidos.
Tenha coragem, siga sem receios e sinta...
Por entre a brisa a minha lenta ousadia...
Ao cessar rompeu, sofreu... Sofremos...

Rosa Maria da Silva Gonçalves





À beira rio

Na transição entre amar e ser amada...
Repetir incansáveis vezes, o renascer...
Lembrar e rememorar nosso encontro...
Aquecer o interior com jeito educado...

Ao entardecer, o ocaso, prestigia o casal,
No céu, pássaros transitam em sintonia.
A lua com sua gravidade aguça vontades
Desejo de ser o astro lunar e tocá-lo...

Quererei sempre poder estar ao seu lado,
Sentir o seu corpo cálido junto ao meu...
Apropriar dos seus lábios e beijá-los
Subornar o mundo em troca de abraços...

Fotografar todos os instantes vividos,
Congelá-los na memória eternamente.
Sem medos... Minha luz, meu guia...
Motivo para mergulhar em alto-mar...

Rosa Maria da Silva Gonçalves





ROSA MARIA DA SILVA GONÇALVES

Nasceu em Mirante do Paranapanema/SP, dia 19/07/1972. Estudou a Graduação em Letras e a Especialização em Língua Portuguesa na UNIR. Cursou o Mestrado em Estudos Literários na UFU. Em 2018, ingressou no Doutoramento em Estudos Africanos no ISCTE-IUL. A escrita e a leitura são aliadas na sua busca pela completude serena e sabedoria. É professora de Língua Portuguesa e Literatura no IFRO. Sente-se privilegiada por ser a mãe do Daniel e do Álton.





Maturidade

Ando na paz
Dentro dos meus afazeres
A esta altura da vida
Dedico-me aos meus prazeres
Dizem que ainda é cedo
Para renunciar a algumas vivências
Mas para mim isso é paz
É estar na minha essência
Não é desistir de nada
Apenas ser mais racional
Pensar mais em mim mesma
No equilíbrio emocional
Cuidar de quem cuidou de mim
Prover a quem já me sustentou
Trabalhar nas coisas que amo
Desfrutar do que construí para quem me amou
Ter a alma mais leve, recordar
E ser grata pelo que já vivi
O futuro ainda existe
E ao seu tempo vai chegar
Peço sempre saúde
E esperança para aguardar.

Rosana de Cassia Pagliarini





Veneza

Certa vez escrevi um poema lindo
sobre Veneza e o perdi
Acho que o destruí junto com lembranças
que não queria mais cultivar...
Muitos anos depois, estando em Veneza,
pude vivenciar tudo o que escrevi:
Os canais da minha vida desembocaram naquele sonho
as pontes de amizade que construí
a majestosa igreja ouviu minhas preces
a praça com pombos que remeteu aos meus antepassados
a arte em murano que eu trouxe de lembrança
o vaporetto que me conduzia a lugares maravilhosos
e o clima de romantismo na minha própria companhia!
Deletei lembranças anteriores à viagem,
mas depois que vi Veneza, nunca mais a esqueci!!

Rosana de Cassia Pagliarini

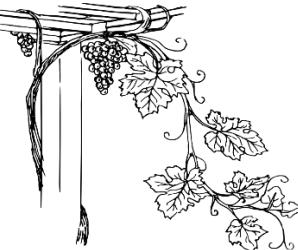




ROSANA DE CASSIA PAGLIARINI

Nasceu em São Paulo, é Bióloga com especialização em Medicina Farmacêutica e também estudou ballet e piano. Seu primeiro ensaio literário, “Sobre Viagens e Vulcões” foi publicado em 2017 pela Editora Anjo. Agora ela faz sua incursão no universo poético, tendo publicado, em 2018, nos livros de antologias “Cultive o Pólen da Vida 1 e 2 - Poesias”, “Eternizei-me neste Jardim” e “Felizes pelo Jardim I Poesias”, “Eu jardineiro” e “Semeando o Pólen da Vida 2” em 2019 sob a organização de Lenilson Silva.





O Caminho das Abelhas

Por longos caminhos vive a percorrer,
Por uma simples sina, linda do viver,
Seu trabalho gera frutos e o bem produz, ziguezagueando
Antes do entardecer, florindo toda a terra sem nem se quer
perceber.

Pois todo o florescer, só se faz acontecer,
Se essa bela criatura, seguindo o seu instinto, pousar em
muitas flores,
Para o doce néctar da natureza colher,
E assim espalhar pelo o mundo, a beleza mais profunda
que se pode conhecer.

A natureza se encarrega de embelezar,
Toda a trilha percorrida com o seu simples voar,
As flores servem de alicerce, para seu pouso suave receber,
E o pólen colhido que se parece uma centelha,
Nos faz acreditar que todo esse milagre só poderá vir
De uma linda e saudosa abelha!

Sandro C. Rocha





Astronauta

Perdido em seu devaneio, sem a gravidade para
Lhe segurar, segue sozinho na imensidão, tendo as estrelas
como o seu lar,
Iluminado pela luz da lua, a solidão por vezes bate forte,
Segue ele em sua missão, tentando voltar vivo e escapar da
morte.

Seu trabalho exigiu estudo e muita dedicação,
Para ter como companheira a solidão,
Mas carrega em seu coração, a certeza de que sua vocação,
Traz benefício e sossego para uma multidão.

Por vezes a saudade o faz chorar, quando começa a lembrar
De quem ficou na terra, habitando e cuidando do seu lar,
E por mais que queira acreditar, uma coisa é certa
Para casa ela quer retornar.

Da terra, um filho com saudade por cima do telhado fica a
observar,
Imaginando onde seu pai possa estar, seu coração está
apertado,
E por mais que esteja de riqueza rodeado, pensou em
escrever um verso,
No coração desse filho, a única certeza, é que seu pai,
É a estrela mais brilhante de todo o universo.

Sandro C. Rocha





SANDRO C. ROCHA

Este é Sandro Carlos Rocha da Silva, casado e pai de três filhos Sabrina, Miguel e Manuela, graduado pela FATEC Carapicuíba, músico pelo Conservatório Villa Lobos, e exerce o trabalho na área de tecnologia da informação até a presente data. Como autor possui três contos e um livro publicado. O primeiro trata-se de um poema intitulado "A bailarina do sertão" que ficou entre os 20 melhores do Brasil com menção honrosa pelo CNNE (Concurso nacional de Novos Escritores), o segundo trata-se de um conto adulto, intitulado como "Desejos" que compõe a antologia Lascívia, pela editora Cartola, o terceiro vem como autor do conto "A última casa da Rua", pela editora Verlidelas e por último um livro infantil intitulado "O ursinho de Papelão" que será lançado em breve pela editora Viseu.





Ecce homo

A garganta seca pela respiração corrida anuncia
A visão da flagelação impiedosa do Cristo extasia
Há um peso de glória celeste que contrasta no ar
A profecia em século predita está a se aproximar

Em passos lentos, é revelado o corpo mortificado
Por expiação dos pecados, emudecido foi levado
Com o manto púrpura real cobrindo as feridas
E a coroa de espinho anunciando sua partida

A cana curva como cetro colocada em uma mão
Símbolos de tanta dor e desmedida humilhação
Eis o verbo encarnado oferecido em nossa salvação

Ódio desmedido ouve-se na voz por toda extensão
A ira de todos que, em coro, clama pela crucificação
Ecce homo, diz o homem pecador para a multidão.

Tauã Lima Verdan Rangel





Caminho penitente

Um passo, outro passo, os pés, pelo peso, vacilam
Com tamanha dor que corre, os ombros arqueiam
Ouve um insulto, escuta a voz, ofensas alardeadas
Os espectadores seguem com palavras vociferadas

Ao longe, o choro copioso da mãe pode ser ouvido
Fruto do ventre humano, ofertado em sacrifício vivo
Pela trilha vil, segue, mudo, o Verbo encarnado
Por seu incondicional amor, marcha determinado

Passo para o sacrifício, senda de penitência sem fim,
Flagelação odiosa vivida, por amor a ti e a mim
Com os pés feridos, a subida está a se aproximar

O Filho dado pelo Pai ao sacrifício em morte de cruz
Em meio a trevas e tantas incertezas, um feixe de luz
Para o perdão dos pecados de nós poder concretizar.

Tauã Lima Verdan Rangel





TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

Tauã Lima Verdan Rangel é natural de Mimoso do Sul-ES. Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Autor dos seguintes livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta" (2018); "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste" (2019), "Versos, Inversos & Outros Escritos" (2019), "Indrisos em Versos" (2019) e "Efemeride em Versos" (2019) e "Aldravias e Versos" (2020).





Amor aroma

Perfume
O amor em gotas
Mata minha sede.

Telma de Jesus





Amor

Amor
O vinho da paixão
Me embriaga.

Telma de Jesus





TELMA DE JESUS

Fez parte da Antologia Eclipse Poético da Editora Edições e Publicações. E têm várias antologias.





Cegueira teatral

A quarta parede desceu do teatro
Invadiu as ruas
Preencheu espaços
E nós todos nus
Não vemos os laços

E nós todos crus
Não vemos os rastros
Não vemos os outros
Os eus
Os astros.

Thiago Velde Farias





Cheios de nada

Os corpos vazios
Estão cheios de nada
Do nada que anda
Ainda
Ainda sem nada vivem
Na moita que o outro atinge

Os corpos vazios
Estão cheios de imagens
Dessas sem impressão

Porque lhes faltam tinta
Porque lhes faltam o pão
O trigo de olhar pra dentro
O trigo de olhar o chão.

Thiago Velleda Farias





THIAGO VELDE FARIAS

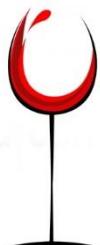
Thiago Velde Farias nasceu no Jorrinho, Tucano - Ba, é poeta, cronista, professor e desenvolve projetos voltados para a leitura e produção de textos literários.





Epifanias em palavras

Aqui contemplamos poesias
Vindas com essência
Cada autor soube valorizar
Cada gota de essência
Com inspiração.



ISBN 978-65-86615-15-9

9 786586 615159 >

A standard linear barcode representing the book's ISBN.